

diplomacia

agual

Expresso 15/10/83

Visita de Machel: amigos, amigos negócios à parte

QUANDO Samora Machel chegou a Lisboa, na sexta-feira da semana passada, a Imprensa e a generalidade dos comentaristas, oficiais ou oficiosos, não hesitaram em afirmar que se tratava de uma visita importante. Levados pelo entusiasmo, alguns disseram mesmo que era a mais importante de todas as visitas que Machel efectua nesta deslocação pela Europa, que inclui a Bélgica e Holanda, França, Inglaterra e Jugoslávia.

O Presidente moçambicano chegou assim no melhor dos ambientes e não espanta que, ao desembarcar, as suas primeiras palavras para a Imprensa, depois de cumprimentar o "seu amigo Ramalho Eanes", tenham sido "sinto-me em casa".

Seria apenas no sexto dia da sua permanência em Portugal, no próprio dia da partida, que começou a notar-se que havia algo que não corria bem nesta estadia, quando os jornais publicaram, em letra pequenina e escondida entre títulos mais ou menos laudatórios, a informação de a delegação moçambicana tinha pretendido não comparecer na cerimónia de assinatura dos protocolos e que apenas a intervenção directa de Samora Machel tinha evitado um escândalo diplomático. Os moçambicanos ficaram ressentidos pelo modo como, num volte-face inesperado, pelo menos para eles, se dessem por concluídas as negociações sem que resultasse quase nada de concreto, em particular sem que ficasse acordado um novo

Apesar do êxito de simpatia que constituiu a visita do presidente moçambicano a Portugal, a questão das linhas de crédito acabaria por comprometer o alcance do acontecimento. O que sobressaiu da visita foram, assim, mais as palavras e os sentimentos do que os factos e benefícios daí resultantes

José Júdice

crédito de dez milhões de contos que pretendiam.

Um estranho episódio

Assim, uma visita destinada a "procurar novos caminhos de cooperação", como disse Machel, terminou com protocolares votos de que sejam "consolidados e selados os laços de verdadeira amizade" entre moçambicanos e portugueses, e pouco mais.

É certo que os documentos assinados no dia da partida de Samora Machel são instrumentos importantes, e indispensáveis, para o enquadramento e desenvolvimento da cooperação entre os dois Es-

tados. Um "protocolo sobre amizade e cooperação", um "protocolo financeiro" e um "protocolo de cooperação científica e tecnológica" permitirão estabelecer as bases para futuros empreendimentos.

Mas o ponto chave de todas as negociações, aquilo em que os moçambicanos mais se empenharam e que constituiu, sem dúvida, a sua grande desilusão, foi o não estabelecimento, no "protocolo financeiro", do montante de uma nova linha de crédito no valor de 85 milhões de dólares. Essa é uma questão que fica em aberto para ser negociada pelos dois bancos centrais, apesar de na terça-feira à tarde "fontes go-

vernamentais" portuguesas terem confirmado à Imprensa que tinha sido acordada a concessão da linha de crédito. Mais tarde isso seria desmentido e, mesmo que um dia venha a ser possível estabelecer com precisão o que se passou nos bastidores, o episódio fica como um dos mais estranhos da política portuguesa para com África.

O que sobressaiu na visita de Samora Machel foram mais as palavras e os sentimentos do que propriamente os factos e benefícios daí resultantes. Mas, apesar de tudo, já não foi pouco.

Poucos estadistas "estranhos" — e a palavra deve ser

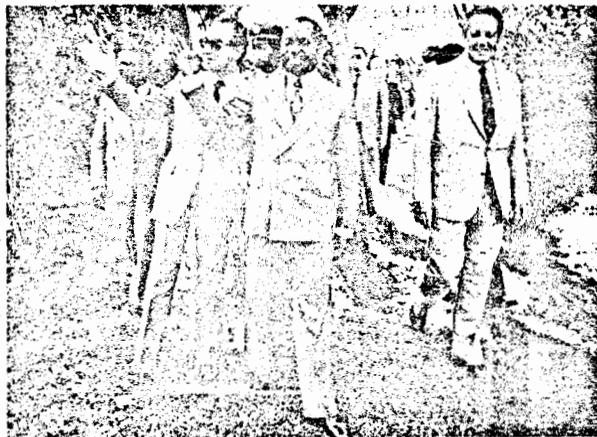
usada com algumas reservas — terão passado por um teste tão difícil como Samora Machel o fez ao visitar Portugal. O presidente moçambicano era uma figura conhecida, e nem sempre no bom sentido. Ele próprio sabia ser objecto, em Portugal, do humor popular, e referiu-o por diversas vezes aos "seus amigos" portugueses. Mais grave, ou menos inofensivo, que o humor eram, porém, as manifestações de ódio que a extrema direita alimentava, explorando ressentimentos e eventuais injustiças, entre os retornados.

Mas, aí, a visita de Samora Machel, em Lisboa, em Coimbra, no Porto, foi um tri-

to total, e uma vitória pessoal do encanto e do à-vontade do líder moçambicano. Se é certo que as deslocações pelo país estiveram longe de suscitar o entusiasmo tipo "adeus à Virgem" que a Imprensa próxima do Partido Comunista quis dar a entender — não se viam grandes multidões e raras vezes o número de manifestantes ultrapassava o milhar — o facto é que Samora Machel conquistou literalmente a simpatia dos mais conservadores ou protocolares dos seus interlocutores.

Horror ao protocolo

O único incidente registado deu-se precisamente no dia da



Samora Machel em Nafarros, com Mário Soares e Almeida Santos: o ponto chave de todas as negociações ficou por concretizar

chegada a Lisboa, quando dois indivíduos pretenderam aproximar-se do carro que transportava Machel a Queluz. Mas a intervenção rápida do fortíssimo dispositivo de segurança, maior do que o habitual em visitas de chefes de Estado, permitiu que tudo voltasse rapidamente à normalidade sem que quase ninguém tivesse dado por nada, a começar pelo próprio Machel.

O horror do formalidade moçambicano às formalidades protocolares, começou por ser óbvio na primeira cerimónia oficial em que participou, na Câmara Municipal de Lisboa, quando Nuno Abecassis lhe entregou as chaves de ouro da cidade. "Então não batem palmas", perguntou, fingindo surpresa, Samora Machel, acrescentando "não sei se estou a quebrar o protocolo".

É claro que estava, e continuaria a quebrá-lo, durante o resto da sua estadia, ao furar os cordões de segurança para cumprimentar e abraçar as pessoas que o saudavam, ao insistir em beijar senhoras que lhe estendiam a mão, ao lidar descontrainadamente com todas as pessoas importantes ou auto-importantes que um Chefe de Estado visitante tem de encontrar.

Mas, se Machel desconcertou pela sua naturalidade, não conseguiu também esconder a sua própria surpresa e emoção por se encontrar em Portugal. "O sangue é o mesmo, a nossa cultura é sentida da mesma maneira", disse ele, numa das inúmeras ocasiões em que era visível a sua emoção. Em Coimbra, na velha universidade, nos Jerónimos, na Batalha, na Assembleia da República, o presidente moçambicano deixou transparecer o choque emocional do confronto com os símbolos míticos da antiga nação colonizadora. E o momento mais delicado, mas também o que melhor traduziu toda a sensibilidade das relações entre dois povos unidos pela história e pelo sangue, foi a visita ao museu dos pára-queidistas em Lâncos. O comandante da base, apontando para a lista dos mortos

pára-queidistas, disse a Machel: "a partir daqui, são os que morreram em Moçambique". Após uma breve meditação, o presidente moçambicano respondeu: "fazem parte da nossa história". Tal como a visita que Eanes fez, no Maputo, ao Museu da Revolução, foi um acto de exorcismo, doloroso mas necessário.

As chagas da descolonização, de resto, pareceram estar definitivamente cicatrizadas. Em todo o percurso de Machel pelo norte não se viu manifestação de hostilidade. Muitos dos que o acolheram eram retornados que, embora enquadrados por manifestantes comunistas — que por vezes levaram o entusiasmo ao ponto de cantarem a "Internacional" — olhavam para Machel com uma alegria e saudade espontâneas.

Em Coimbra o presidente Moçambicano seria mesmo agarrado por uma senhora de idade, natural de Inhambane, que lhe contou em lágrimas não saber nada da sua família que ficou em Moçambique. Machel, chamando os seus secretários, deu-lhes indicações para que tratassem de a convidar para ir a Moçambique.

A nação da língua

A visita à Universidade coimbrã foi uma das etapas mais curiosas de toda a visita. Machel, que se demorou numa conversa a sós com Miguel Torga — o "professor Torga" — como ele o chamou — pareceu ter ficado seduzido pela natureza seca, granítica, agreste, do escritor, que mais tarde citaria ao falar da língua como cimento da nacionalidade. "Moçambique não é uma nação", disse Machel, "mas vamos fazê-la através da língua, como estive a ouvir ao professor Torga".

Ao visitar a Biblioteca Joana da Universidade, como, aliás, já tinha feito nos Jerónimos e na Batalha, Samora Machel ficou sinceramente maravilhado com a beleza arquitectónica do monumento. "É uma pena que já ninguém

trabalhe desta maneira", lamentou-se para o Vice-reitor da Universidade. Mas o presidente moçambicano mostrou que era um apreciador genuíno de Coimbra quando entou algumas estrofes da canção "Coimbra é uma lição". No final de uma serenata que lhe foi dedicada, mas na qual os intérpretes, talvez por gentileza, apenas cantaram versos de Camões e Manuel Alegre, excluindo as velhas melodias tradicionais, Machel levantou-se e, com toda a sinceridade, pediu que tocassem "aquela que dirá só passa quem souber". Foi um pedido imediatamente satisfeito, e a sessão acabou com todos os convivas entoando, num círculo à volta de Graça e Samora Machel, "Coimbra tem mais encanto na hora da despedida".

Momentos antes de sair de Coimbra o Presidente Moçambicano descobriu que alguns dos comandantes militares ali presentes tinham participado na "Operação Nô Górdio" com a qual Kaulza de Arriaga pretendeu vencer a Frelimo. Um desses oficiais era o general Mezezes, que fora Chefe de Estado Maior de Kaulza e que, nesta viagem, era o oficial às ordens de Machel. "Venham tirar uma fotografia comigo", insistiu Samora, "venham cá os meus oficiais do "Nô Górdio"! ". E os oficiais lá foram, perante o ar grave do General Ramalho Eanes, a quem um deles insistia que se juntasse para a fotografia, dizendo "venha o 'nosso' capitão do Niassa!". Mas o "capitão do Niassa" quis ficar de fora.

"Quanto é que queres investir?"

Quem não quis ficar de fora da viagem de Machel foram os empresários portugueses, para quem África continua a ser infinitamente mais atraente do que uma Europa que se faz cada vez mais difícil. No Estoril-Sol e no Palácio da Bolsa o presidente moçambicano contactou com centenas de empresários e industriais interessados em investir. No Porto, num jantar organizado pela

Associação dos Industriais do Porto, Machel venceu rapidamente a barreira de frieza inicial.

Contagiado talvez pelo acolhimento que acabara de receber numa Cave de Vinho do Porto, o presidente moçambicano conquistou visivelmente a simpatia da reservada classe empresarial portuense a quem, antes do encontro, se ouviam comentários de bastante frieza.

Mas não há como uma refeiçãõ para pôr as pessoas mais "snobs" à vontade, e os empresários nortenhos ficaram satisfeitos com a promessa de

que em breve seria aberto um consulado de Moçambique e que o governo de Machel ficaria à espera de sugestões dos sócios da AIP para a elaboração de um código de investimento estrangeiro. Os empresários fizeram sentir ao presidente Machel as suas principais preocupações quanto a um investimento em Moçambique, nomeadamente no que respecta às dificuldades financeiras das empresas, e à segurança das pessoas e bens. Alguns dos presentes contaram a Machel um ou outro caso, que o Presidente admitiu como superá-

veis. Mas Samora Machel deixou bem claro, como tinha feito no Estoril ao contactar os industriais de Lisboa, que a cooperação não é uma dádiva. É um negócio, com garantias de parte a parte, com lucros para todos. Moçambique não está fechado ao investimento privado, mas também não permitirá que haja lucros sem investimentos. Resumindo o espírito do encontro, talvez, Machel pôs a mão no ombro de um dos empresários e perguntou, rindo: "é tu, quanto é que queres investir em Moçambique?".